

BEATRIZ

Tão gentil e tão honesta parece
A minha querida quando ela aos outros saúda
Que tôda língua torna-se tremendo muda
E os olhos não ousam fitá-la.

Ela se vai, sentindo-se louvar,
Benignamente de humildade vestida
E parece que é uma coisa vinda
Do céu à terra para um milagre mostrar.

Mostra-se tão agradável a quem a olha
Que dá pelos olhos uma doçura ao coração
Que compreender não a pode quem não a prova.

E parece que dos seus lábios se desprende
Um espírito suave pleno de amor,
Que vai dizendo à alma: “Suspira”.

A SÍLVIA

Tradução de MARIZA HELENA GAIDUS

Poema escrito por Giacomò Leopardi (1798-1837) que viveu na época da disputa entre clássicos e românticos; êle não pode enquadrar-se em nenhuma das duas tendências: a sua arte, nítida e pura, o coloca entre os primeiros, enquanto que o aproximam dos segundos a sua desconsolada e perene dor, a simplicidade da linguagem, a inspiração contínua e direta da natureza e do ambiente que o cercava; êle é a figura dominante na lírica italiana do século XIX.

Leopardi foi educado severamente desde muito pequeno e lhe faltaram assim aquêles doces afetos dos quais tinha necessidade. Na realidade, em tôda sua vida não encontrou ninguém que o compreendesse perfeitamente. Via na vida um desolado sentido de solidão e de tristeza que faziam contraste com a sua alma cheia de verdade, de amor e de beleza. Daí o caráter sempre melancólico da sua poesia.

Sílvia faz parte dos *Canti*, onde estão as suas obras líricas. Sílvia era uma mocinha que morava em frente à casa do poeta e que morreu muito jovem ainda, vitimada pela tísica. Dez anos depois de sua morte, Leopardi a relembra nestes versos. Em *Sílvia* Leopardi simboliza a morte da juventude com os seus sonhos e as suas esperanças.

Silvia, rimembri ancora
quel tempo della tua vita mortale,
quando beltà splendea
negli occhi tuoi ridenti e fuggitivi,
e tu, lieta e pensosa, il limitare
di gioventù salivi?

Sonavan le quiete
stanze, e le vie d'intorno,
al tuo perpetuo canto,
allor che all'opre femminili intenta
sedevi, assai contenta
di quel vago avvenir che in mente avevi.
Era il maggio odoroso: e tu solevi
così menare il giorno.

Io gli studi leggiadri
talor lasciando e le sudate carte,
ove il tempo mio primo
e di me se spendea la miglior parte,
d'in su i veroni del paterno ostello
porgea gli orecchi al suon della tua voce,
ed alla man veloce
che percorrea la faticosa tela.
Mirava il ciel sereno,
le vie dorate e gli orti,
e quinci il mar da lungi e quindi il monte,
Lingua mortal non dice
quel ch'io sentiva in seno.

Che pensieri soavi,
che speranze, che cori, o Silvia mia!
quale allor ci apparìa
la vita unana e il fato!
Quando sovviemmi de cotanta speme,

un affetto mi preme
acerbo e sconsolato,
e tornami a doler di mia sventura.
O natura, o natura,
Perchè non rendi poi
quel che prometti allor? perchè di tanto
inganni i figli tuoi?

Tu pria che l'erbe inaridisse il verno,
da chiuso morbo combattuta e vinta,
perivi, o tenerella. E non vedevi
il fior degli anni tuoi;
non ti molceva il core
la dolce lode or delle negre chiome,
or degli sguardi innamorati e schivi;
Né teco le compagne ai dí festivi
ragionavan d'amore.

Anche peria fra poco
la speranza mia dolce: agli anni miei
anche negaro i fati
la giovinezza. Ahi come,
come passata sei,
cara compagna dell'età mia nova,
mia lacrimata speme!
Questo è quel mondo? questi
i diletti, l'amor, l'opre, gli eventi
onde cotanto ragionammo insieme?
Questa la sorte delle umane genti?
All'apparir del vero
tu, misera, cadesti: e con la mano
la fredda morte ed una tomba ignuda
mostravi di lontano.

A SÍLVIA

Sílvia, recordas ainda
aquêlo tempo da tua vida mortal,
quando beleza resplandecia
em teus olhos risonhos e fugitivos,
e tu, alegre e pensativa, o limiar
de juventude galgavas?

Soavam as tranqüilas
salas, e as ruas em redor,
ao teu perpétuo canto,
quando aos trabalhos femininos intenta
sentavas, assaz contente
daquele vago porvir que na mente acalentavas.
Era o maio odoroso: e tu costumavas
assim levar o dia.

Eu os estudos amenos
às vêzes deixando e as fôlhas suadas,
em que o meu primeiro tempo
e a melhor parte de mim se consumia,
às janelas do solar paterno debruçado
prestava ouvidos ao som da tua voz,
e à mão veloz
que percorria a cansativa tela.
Olhava o céu sereno
os caminhos doirados e as hortas
e dêste lado o mar ao longe, e dêste outro o monte.
Língua mortal não diz
o que eu sentia no coração.

Que pensamentos suaves,
que esperanças, que sentimentos, o Sílvia minha!
qual então nos aparecia
a vida humana e o fado!
Quando me lembro de tão grande esperança,
uma angústia me oprime
amarga e desconsolada,
e volto a doer-me de minha desventura.
Ó natura, ó natura,
por que não dás em seguida
o que prometes então? Por que
enganas assim os filhos teus?
Tu, antes que o inverno secasse as ervas,
combatida e vencida por uma doença oculta,
perecias, ó juvenzinha. E não chegarias a ver
a flor dos anos teus;
não te acariciaria o coração
o doce louvor ora dos negros cabelos,
ora dos olhares enamorados e esquivos;

nem contigo as amigas nos dias festivos
falariam de amor.

Também parecia pouco depois
a esperança minha doce: aos anos meus
também negaram os fados
a juventude. Ai como,
como te fôste,
cara companheira da idade minha nova,
minha esperança chorada!
Este é o mundo? êstes
os deleites, o amor, as obras, os fatos
de que tanto falamos juntos?
Esta é a sorte das criaturas humanas?
Ao aparecer da verdade
tu, mísera, caíste: e com a mão
a fria morte e uma tumba desnuda
apontavas de longe.